

**OS FRANCOS NA *HISTÓRIA DAS GUERRAS*:  
DESCRIÇÕES DE UMA POPULAÇÃO BÁRBARA POR PROCÓPIO DE CESAREIA  
– SÉCULO VI.**

Renato Viana BOY\*

**Resumo**

Este trabalho pretende analisar as descrições feitas pelo historiador Procópio de Cesareia a respeito das populações francas durante o período da Guerra Gótica, no século VI. Nosso objetivo é demonstrar como as narrativas de Procópio em relação aos bárbaros, destacando entre estes os francos, estavam diretamente comprometidas com a política do imperador bizantino Justiniano.

**Palavras-chave:** Procópio de Cesareia – Bizâncio – Francos – História das Guerras – Bárbaros

**Abstract**

This paper intent to study the descriptions writing by the historian Procopius about the frank peoples during the period of Gothic Wars, in the sixth century. Our purpose is to demonstrate how the Procopius' narratives about the barbarians, highlighting the franks, were directly committed with the policy of the byzantine emperor Justinian.

**Keywords:** Procopius – Byzantium – Franks – History of the Wars - Barbarians

**Introdução**

Este trabalho é parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre a obra *História das Guerras*, do historiador Procópio de Cesareia (490-562). Tal pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância e o lugar historiográfico dessas narrativas dentro do contexto de crises, tensões e disputas pelo poder entre o Império Romano do século VI, historiograficamente conhecido como Império Bizantino, e os antigos domínios imperiais no Mediterrâneo, em particular, na Península Itálica.

Essa obra merece uma atenção especial em nosso trabalho por dois motivos. Primeiramente, ela se localiza cronologicamente num período marcado pela transição entre o que a historiografia tradicional classifica como “Fim do Mundo Antigo” e o início da “Idade Média”. Além disso, a *História das Guerras* se constitui ainda num importante documento com registros que relatam as campanhas militares do imperador Justiniano, objetivando estabelecer o controle político sobre as antigas fronteiras romanas no Ocidente e Oriente, então sob domínio de populações caracterizadas pelo historiador como “bárbaras”.

É exatamente esta última característica dos textos de Procópio na *História das Guerras* que nos interessa nas páginas que seguem. Pretendemos examinar algumas das descrições feitas por Procópio sobre os francos enquanto uma das populações bárbaras com as quais os exércitos de Justiniano travaram negociações durante as guerras. O objetivo é melhor

---

\* Doutor em História pela USP (Universidade de São Paulo), professor de História Antiga e Medieval da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), *campus* Chapecó-SC.

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

compreender as relações que podem ser estabelecidas entre a escrita do historiador e a política militar de Justiniano no século VI.

### **1- As populações bárbaras, segundo Procópio de Cesareia**

No livro *Romans and Barbarians*, ao falar da Guerra Gótica, o historiador Edward A. Thompson afirmou que as batalhas na Itália eram travadas entre, de um lado, os “bárbaros”, e de outro, “homens civilizados”. Indo além, Thompson diz ainda que, no decorrer dos conflitos, os italianos teriam escolhido seguir o lado da “civilização”, referindo-se aos exércitos imperiais (THOMPSON, 1982, p. 109). A historiadora Averil Cameron também ressalta esse caráter de uma luta dos “homens civilizados” contra os “bárbaros”, afirmando que essa seria a visão de Procópio sobre os conflitos (CAMERON, 1996-a, p. 202). É importante lembrarmos que ambos os autores citados tomam a *História das Guerras* como um dos principais documentos na elaboração dos referidos trabalhos (Cameron talvez em uma escala ainda maior, por dedicar todo um estudo exclusivamente aos escritos de Procópio de Cesareia).

Apesar dessas afirmações, vindas de dois dentre os principais pesquisadores sobre o período de Justiniano, salientamos que Procópio não se refere ao exército imperial, ou mesmo a população bizantina, como membros componentes de uma “civilização” em oposição à ideia de barbárie. Nas suas referências ao exército ou aos súditos de Justiniano, o historiador emprega sempre o termo “romano”. As descrições de uma civilização que enfrenta a barbárie estão inseridas dentro de um campo de construção historiográfica, mas que não reflete o pensamento do historiador que tomamos como base para o estudo do tema. Em contrapartida, o termo “bárbaro” aparece ao longo de toda a narrativa de Procópio, fazendo referência não apenas aos inimigos do Império durante as batalhas, mas a todos os povos considerados não-romanos.

De um ponto de vista imperial, a bipolaridade entre os conceitos de *bárbaro* e *romano* ainda permanecia viva no período conhecido por Antiguidade Tardia, embora, como observou Walter Pohl, se encontrasse em um “nível mais baixo” que em séculos anteriores (POHL, 2003, p. 40). Ainda segundo Pohl, as populações bárbaras definiam-se a partir de um grau de dependência ou afastamento em relação a um estado tardo-romano de natureza poliétnica (POHL, 2003, p. 48).

Nos relatos de Procópio de Cesareia sobre os grupos não-romanos, destacamos que o historiador não se preocupa em destacar as importantes distinções existentes entre as

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

diferentes populações classificadas como *bárbaras*. Nem mesmo quando trata especificamente dos godos, Procópio parece se atentar aos elementos distintivos entre cada um dos grupos que, em conjunto, eram identificados como tais. Isto parece-nos claro quando analisamos a seguinte passagem da *Guerra Vândala*:

Agora, enquanto Honório tomava o poder imperial [395] no Ocidente, os bárbaros tomavam posse de sua terra; e eu vou narrar quem eles eram e de que maneira isso aconteceu. Havia anteriormente muitas nações góticas, como também há atualmente, mas as maiores e mais importantes de todas eram os Godos, Vândalos, Visigodos e Gépidas. Antigamente, entretanto, eram chamados Sauromates e Melanclenes; e havia também alguns que chamavam àqueles de nações Géticas. Todos esses, embora fossem distinguidos uns dos outros pelos nomes, como tem sido dito, não diferiam em nada no todo. Pois todos eles tem corpos brancos e cabelos loiros, e são altos e belos de se olhar, e usam as mesmas leis e praticam uma religião comum. Pois eles são todos de fé Ariana e tem uma língua chamada Gótico; e, como parece a mim, todos eles vieram originalmente de uma tribo, e foram mais tarde distinguidos pelos nomes daqueles que conduziam cada grupo. (PROCOPIUS. *De Bello Vandalico* III. ii. 1-5).<sup>1</sup>

Apesar de Procópio apresentar as tribos góticas como possuidoras de leis, língua, religião e até características físicas comuns, devemos ressaltar que não estamos diante de sociedades com características linguísticas, políticas, culturais ou mesmo geográficas que possam ser consideradas homogêneas. Walter Goffart cita a impossibilidade de uma narração uniforme que contemple, por exemplo, os godos do sul da Rússia com a heterogeneidade dos povos guiados por Alarico (GOFFART, 2003, p. 53 e GOFFART, 1980, p. 7). Para Patrick Geary, a simplificação de toda uma diversidade cultural e étnica dos povos não romanos no conceito *bárbaro*, ou seja, aquele que “fala mal” (GEARY, 2005, p. 65), teria sido fundamentada na política imperialista romana, seguindo uma perspectiva prática: “os imperialistas romanos achavam mais fácil lidar com os outros povos quando vistos como

<sup>1</sup> “Onwri/ou de thn troj h(li/ou dusmai=j e(/xontoj basilei/an ba/rbaroi thn e)kei/nou kate/labon xw/ran. o(i/tinej de kai o()/tw tro/pw, lele/cetai. Gotqika e(/qnh polla/ men kai a())lla pro/tero/n te h)= kai tanu=n e(/sti, ta de dh pa/ntwn me/gista/ te kai a)ciologw/tata Go/tqoi te ei)si kai Bandi/loi kai Ou)jisi/gotqoi kai Gh/paidej. Pa/lai me/ntoi Sauroma/tai kai Mela/gxlainoi w)noma/zonto. ei)si de oi)/ kai Getika e(/qnh tau=t” e)ka/loun. ou(toi a(/pantej o)no/mas men a)llh/lwn diafe/rousin, w(/sper ei)/rhtai, a)/llw de tw=n pa/ntwon ou)deni dialla/ssousi. leukoi/ te gar a(/pantej ta sw/mata/ ei)si kai taj ko/maj canqoi/, eu)mh/keij te kai a)gaqoi taj o)/yeij, kai no/moij, men toi=j au)toi=j xrw=ntai, o(moi/wj de ta e)j ton qeon au)toi=j h)/skhtai. th=j gar )Arei/ou dochj ei)sin a(/pantej, fwnh/ te au)toi=j e)sti mi/a, Gotqikh/ legome/nh. kai moi dokou=n e)c e(no)j men ei)=nai a(/pantej to palaion e)/qnouj, o)no/masi de u(/steron tw=n e(ka/stoij h(ghsame/nwn diakekri/sqai.”

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

povos étnicos homogêneos, e não como tão complexos e fluidos quanto a população romana” (GEARY, 2005, p. 75).

Sendo assim, uma vez que Procópio apresentava os povos godos como tendo uma homogeneidade de características físicas, culturais e religiosas, era possível apresentar também uma mesma motivação que fundamentasse as campanhas de Justiniano, não sendo necessário discorrer sobre grandes variações nas justificativas dos ataques imperiais contra essas diferentes populações.

Essa reflexão se justifica pelo fato de acreditarmos que as descrições de Procópio sobre os godos, caracterizados como um povo “bárbaro” inimigo que deveria ser combatido e derrotado, estar diretamente comprometida com a criação e fundamentação de um campo de argumentos que justificassem e tornassem legítimas as ações militares de Justiniano na Península Itálica. Ao longo de toda a narrativa da *Guerra Gótica*, o historiador se preocupou em apresentar os godos como bárbaros que, na primeira metade do século VI, ameaçavam a um pretense ideal de unidade romana, que se estendia para além das fronteiras então politicamente definidas do Império.

## **2- A questão religiosa**

Um primeiro ponto que pesa na questão de uma unidade romana, pretendida no período das guerras, está diretamente relacionado à religião. Peter Brown afirmou mesmo que, no século VI, os romanos do Oriente consideravam-se membros de uma comunidade totalmente cristã. (BROW, 1967, p. 332). Lembremos que o Cristianismo havia se tornado religião oficial do Império em fins do século IV, reorganizando uma hierarquia social ao redor da corte e ganhando um espaço cada vez maior entre os romanos (BROW, 1967, p. 337-338). Por conta desses fatores, alguns destacados estudos sobre o período de Justiniano, como os de Pazdernik, Cameron e Ostrogorsky, afirmam que o pertencimento de uma população aos domínios imperiais romanos no século VI implicava diretamente no seu pertencimento também a uma comunidade cristã de tradição conciliar (PAZDERNIK, 2000, pp. 153-154; CAMERON, 1996-b, p. 44; OSTROGORSKY, 1984, pp. 90-91). Em contrapartida, formas de culto tidas como não ortodoxas, como o tipo ariano praticado pelos godos, tornavam-se cada vez mais parte integrante de uma identidade bárbara visigótica (GEARY, 2005, p. 121).

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

Neste sentido, as guerras de Justiniano na Itália foram apresentadas por Procópio também como uma defesa do culto cristão classificado nas *Guerras* como “justo” ou “correto”<sup>2</sup>, frente a populações cujas crenças eram classificadas como heréticas. Este era o caso do Arianismo, praticado pelos godos no século VI. Claude Jenkins chamou a atenção para o fato de a luta do Império contra o Arianismo godo aparecer como uma preocupação constante na *Guerra Gótica* (JENKINS, 1947, p. 76). Quando passamos a uma análise da obra, é possível percebermos que grande parte dos argumentos apresentados em suas narrativas para fundamentar um ataque imperial contra a população goda na Itália se apoiava na questão da defesa do Cristianismo romano contra o Arianismo, considerado herético, dos bárbaros. Disso resultaria uma articulação, presente na narração de Procópio, na qual se observa uma forte relação de aproximação entre os conceitos de *bárbaro* e *herético*. A partir dessa perspectiva, uma vitória romana frente aos godos na Itália poderia ser entendida também como uma vitória de um Império cristão sobre exércitos heréticos arianos.<sup>3</sup>

Essa aproximação entre bárbaro e herético é algo trabalhado por Procópio nas *Guerras*, mas certamente não foi uma ideia criada pelo historiador. Toda a política militar de expansão territorial e restabelecimento de uma Roma grandiosa apresentava uma estreita ligação com a defesa do culto cristão em relação a práticas consideradas heréticas. A presença e a importância que a religião cristã assumia na cultura romana eram anteriores aos trabalhos de Procópio. Esses aspectos são ressaltados, por exemplo, em trabalhos como os de Peter Brown (BROW, 1967, pp. 331-332). Por se considerarem membros de uma comunidade cristã, a concepção de “bárbaro” em Procópio de Cesareia recebe uma conotação quase direta com a de “herético”. Dessa forma, as referências às populações bárbaras na obra se apresentavam reforçando um discurso contrário a esses povos, fornecendo às narrativas como um todo um argumento fundamental em favor de uma intervenção imperial nas regiões do

---

<sup>2</sup> A expressão grega “*dochj o/rqh=j*”, utilizada por Procópio para adjetivar os preceitos dogmáticos cristãos seguidos pela Sé de Constantinopla, foi traduzida para o inglês como “*orthodoxy faith*”, na versão bilingue grego-inglês com a qual trabalhamos nessa pesquisa. Entretanto, destacamos que, com essa expressão, Procópio se refere apenas a um tipo de culto considerado por ele e pelos cristãos da capital do Império como sendo “correto” ou “justo”, utilizado em oposição à expressão *Arei/ou dochj* (fé ariana), considerado herético e, dessa forma, desviante da “*dochj o/rqh=j*”

<sup>3</sup> Segundo o historiador Georg Ostrogorsky, para o imperador, o universalismo romano coincidiria com o cristão, ressaltando a constante intervenção deste na estrutura eclesiástica de Constantinopla. Cf. OSTROGORSKY, 1984. p. 90.

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

Mediterrâneo: o combate a um inimigo não-romano e não-cristão.<sup>4</sup> Uma exceção no trato dessa questão é o caso dos francos, que será discutido a seguir.

Neste trabalho, nos posicionamos no caminho como os de Claude Jenkins e Charles Pazdernik, no que diz respeito à importância que o Cristianismo apresentava na constituição de uma ideologia legitimadora das pretensões políticas e militares de Justiniano. Assim como esses autores, pensamos no Cristianismo como um elemento fundamental na constituição de uma identidade romana no século VI, o que o tornava também um dos pilares na construção de argumentos que justificavam o ataque dirigido contra populações bárbaras, ou seja, povos que, de alguma forma, ameaçavam a pretensa unidade do poder imperial romano na Península Itálica.

As análises aqui esboçadas abordam o Cristianismo como peça chave na constituição de uma noção de pertencimento a uma comunidade romana no período da Antiguidade Tardia, não estando restrito a relações puramente institucionais entre o Império e a Igreja, ou entre autoridade política e hierarquia eclesiástica. O fato de Procópio agregar a seus inimigos godos (no caso da *Guerra Gótica*) um atributo que se chocava diretamente com um importante pilar constituinte da identidade romana do século VI, servia-lhe como argumento que justificava as investidas das tropas do Império na busca pela retomada do controle político da Itália.

### **O caso dos francos: um olhar especial na descrição dos bárbaros**

Mesmo considerando que, pela leitura da *História das Guerras*, as populações não cristãs fossem caracterizadas como bárbaras, a relação inversa nem sempre se apresenta como verdadeira. Em outras palavras, se todo ariano ou herético em geral era considerado nas *Guerras* como bárbaro, nem toda população bárbara era reconhecida necessariamente como não-cristã. Entre estas, um caso que merece destaque é o dos francos. Isso porque, na *Guerra Gótica*, as relações de aproximação e afastamento descritas por Procópio entre os exércitos imperiais e os francos se pautavam tendo sempre como base de argumentação, para uma ou outra atitude, questões relacionadas às práticas religiosas. O que torna o caso dos francos especial é que, mesmo se tratando de uma população convertida ao Cristianismo e

---

<sup>4</sup> É importante salientarmos que Procópio concebera suas narrativas das guerras a partir de um posto de Conselheiro particular do general Belisário. Tal posição, ao mesmo tempo em que oferecia ao historiador a possibilidade de testemunhar as ações das tropas romanas nos campos de batalha, também impunha a ele limites que o impediam de construir suas descrições e narrativas com grande liberdade. Isso nos leva a crer que seus escritos se encontrassem inseridos junto aos propósitos imperiais no período. Cf. PROCOPHIUS. *De Bello Persico* I. i. 3.

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

reconhecida como cristã pelos romanos, não deixaram de ser caracterizados como bárbaros por Procópio.

Assim como o historiador não se preocupou com a distinção das singularidades dos grupos que, em conjunto, foram identificados como godos,<sup>5</sup> também nas suas primeiras referências aos francos na *História das Guerras*, estes são identificados apenas como pertencentes ao grupo daqueles chamados “germanos”. Assim Procópio os descreve no livro V da *Guerra Gótica*: “Os Francos foram chamados ‘Germanos’ em tempos antigos” (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xi. 29).<sup>6</sup> E logo adiante na narrativa, Procópio classifica os francos como mais uma entre as populações bárbaras: “Há muitos lagos na região, onde os germanos viveram há muito tempo, uma *nação bárbara*, não de muita importância no início, que são agora chamados francos.” (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xii. 8).<sup>7</sup>

A exemplo das populações godas, as descrições de Procópio referentes aos francos enquanto bárbaros também se inserem no campo do interesse maior do Império, qual seja, a retomada do controle político sobre a Itália. E, para que viabilizar tal projeto, além da formação de um exército bem treinado e bem armado, como descritos no tópico anterior, era necessário aos romanos o exercício de uma política diplomática eficiente, visando a formação de alianças para o combate a inimigos comuns. O argumento para a formação dessas alianças era pautado sempre em discursos que ressaltavam a importância de uma unidade romana na região e a liberdade das populações locais em relação ao domínio “bárbaro” inimigo.

Nessa perspectiva, a política de alianças deveria aproximar diferentes exércitos a partir de argumentos de caráter político, militar ou religioso, fortalecendo-os na luta contra adversários comuns. No caso dos francos, estes representavam uma possibilidade de fortalecimento dos exércitos imperiais na luta contra os godos na Península Itálica. E, neste caso, o fato destes serem reconhecidos como um povo convertido ao Cristianismo, fazia da religião cristã um fundamento ideológico para que tal acordo se consolidasse.

A forma como essa aliança fora articulada é descrita por Procópio na *Guerra Gótica*. Nesta passagem, o historiador reproduz uma carta do Imperador Justiniano destinada aos reis francos, apresentando a eles uma proposta para a formação desta aliança entre os dois exércitos, visando um fortalecimento militar no combate contra os godos na Itália. Os

<sup>5</sup> Cf. nota de rodapé número 1.

<sup>6</sup> “oi( de/ Fraggoi Germanoi/ me/n to/ palaio/n w)noma/zonto.”

<sup>7</sup> “li/mnai te e)ntau=qa pollai/, ou(= dh/ Germanoi/ to/ palaio/n w)/khnto, ba/rbaron e)/qnoj, ou) pollou= lo/gou to/ kat ) a)rxai/j a)/cion, oi(/ nu=n Fra/ggoi kalou=ntai.”

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

argumentos apresentados pelo Imperador para convencer os reis francos se baseavam no fato de, tanto estes quanto os romanos, comungarem de uma fé cristã comum, que não aceitava os preceitos religiosos do Arianismo praticado pelos godos. Diz o texto da carta:

Por essa razão nós temos sido obrigados a tomar o campo contra eles [godos] e é próprio que vós [francos] devessem juntar-se a nós nessa guerra, que é feita suas tanto quanto nossa, não apenas pela fé de justo louvor, que rejeita a opinião dos arianos, mas também pela inimizade que ambos sentimos pelos godos. (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. v. 9).<sup>8</sup>

Este é mais uma passagem onde podemos perceber a importância que o Cristianismo possuía na *História das Guerras*, atuando como um elemento fundamental na apresentação de argumentos que legitimavam a tomada de decisões ao longo das campanhas. Na citação acima, é o culto cristão dito “justo” que serve de fundamento tanto para a formação de uma aliança militar do exército imperial com uma população bárbara cristianizada (no caso, os francos), como também é a partir de preceitos religiosos que os ataques a povos inimigos, considerados heréticos, eram ideologicamente justificados.

Apesar dessa possibilidade de unirem seus exércitos com o dos romanos, os francos também tinham seus interesses nas mesmas regiões pretendidas pelo Império, o que chocava seus interesses com os de Justiniano. No livro V da *Guerra Gótica*, Procópio descreve um discurso de Teodato, rei dos godos, propondo unirem-se a um inimigo na luta contra as tropas de Belisário, os francos. O objetivo de Teodato era tentar evitar uma aliança entre francos e romanos contra os godos, o que os levaria a duas derrotas. Por este auxílio militar dos francos, o rei godo prometia ceder a eles as províncias da Gália que lhes eram vizinhas e uma soma em dinheiro (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 24).

Após deliberarem sobre essa proposta de aliança e considerando-a vantajosa, os godos enviaram mensageiros até os líderes francos. Procópio de Cesareia assim descreveu a resposta dos francos:

Naquele momento, os governantes francos eram Childeberto, Teodeberto e Clotário, e eles receberam a Gália e o dinheiro, e dividiram a terra entre eles de acordo com o

<sup>8</sup> “dio/per h)mei=j men strateu/ein e)p )au)tou/j h)nagka/smeqa, u(ma=j de ei)koj cundiafe/rein h(mi=n po/lemon to/nde, o(/n h(mi=n koinon ei)=nai poiei= do/ca te o)rqh/, a)poseiome/nh thn )Areianw=n gnw/mhn, kai to ej Go/tqouj a)mfote/rwn e)/xqoj.”

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

território governado por cada um, e concordaram em estar absolutamente amigáveis aos godos, e secretamente enviar a eles tropas auxiliares, certamente não francas, mas soldados provenientes de nações submissas a eles. Pois eles não estavam aptos a fazer uma aliança abertamente contra os romanos, porque pouco antes, eles tinham feito um acordo para ajudar o Imperador nesta guerra. (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 27-28)<sup>9</sup>

A crítica de Procópio aos francos, na sequência da narrativa, não incide somente no não cumprimento de seus acordos com o exército imperial na Itália. Além disto, o historiador relata, no livro VI, que mesmo o acordo com os godos não foi devidamente cumprido pelos francos. Neste ponto, aqueles que antes eram tratados como um possível aliado na defesa de uma fé comum, passam então a serem descritos como uma população que não era digna de confiança. Esta é uma passagem na qual Procópio discorre sobre uma oportunidade que os francos encontraram de conquistar parte da Itália, se aproveitando do desgaste provocado pela guerra entre os romanos e os godos na região:

Então, esquecendo no momento seus juramentos e tratados que tinham feito um pouco antes com os romanos e os godos (pois essa nação em matéria de confiança é a mais falsa do mundo), eles imediatamente reuniram um número de cem mil sob liderança de Teodeberto e marcharam para a Itália; eles tinham um pequeno corpo da cavalaria sob seu líder e entre estes apenas alguns estavam armados com lanças, enquanto todo o resto estava a pé não tendo nenhum arco nem lança, mas cada homem carregando uma espada, escudo e um machado. (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 2-3)<sup>10</sup>

<sup>9</sup> PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. V. xiii. 27-28. “Fra/ggwn de\ to/te h(gemo/nej h)=san )lidi/berto/j te kai\ Qeudi/bertoj kai\ Kloada/rioj, oi(\ Galli/aj te kai\ ta\ xrh/mata paralabo/ntej dienei/manto me\ n kata\ lo/gon th=j e(ka/stou a)rxh=j, fi/loi de\ w(molo/ghsan Go/tqoj e)j ta\ ma/lista e)/sesqai, kai\ la/qra au)toi=j e)pikou/rouj pe/myein, ou) Fra/ggouj me/ntoi, a)ll )e)k tw=n sfi/si kathko/wn e)qmw=n. o(maixmi/an ga\r au)toi=j e)k tou= e)mfanou=j e)pi\ t%= (Rwmai/wn kak%= poihsasqai ou)k oi(=oi/ te h)=san, e)pei\ o)li/gw pro/teron basilei= e)j to/nde to\ n po/lemon cullh/yesqai w/molo/ghsan.”

<sup>10</sup> “o(/rkwn toi/nun e)n tw+ parauti/ka kai/ cunqkw+n e)pilehsmeno/i, ai(/per au)toi+j o)li/g% pro/teron pro/j te (Rwmai/ouj kai/ Go/tqouj e)pepoi/hnto ((e)/sti ga\r to/ e)qnoj tou+to ta/ e)j pi/stin sfalerw/taton a)nqrw/pwn a(pa/ntwn) e)j muria/daj de/ka eu)qu/j cullege/ntej, h(goume/nou sfi/si Qeudibe/rtou, e)j ) Itali/an e)stra/teusan, i(ppe/aj me/n o)li/gouj tina/j a)mfi to/n h(gou/menon e)/xontej, oi(/ dh/ kai/ mo/noi do/rata e)/feron, oi/ loipoi/ de/ pezo/i a(/pantej ou)/te to/te to/ca ou)/te do/rata e)/xontej, a)lla/ ci/foj te kai/ a)spi/da fe/rwn e(/kastoj kai/ pe/lekun e(/na.

Para uma melhor compreensão sobre os tipos de armas utilizadas pelos romanos no século VI e os francos, ver BACHRACH, 1970, pp. 435-441.

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

O fato de Procópio classificar os francos como a “nação mais falsa do mundo”, por não cumprirem seus juramentos, representa uma séria crítica do historiador no que diz respeito à possibilidade de aliança com uma população cuja lealdade, durante uma batalha, era altamente questionável. Nesta mesma passagem, é possível ainda encontrarmos o historiador criticando a formação das tropas francas em combate, a sua cavalaria em pequeno número e a indicação de que as armas utilizadas não eram as mais adequadas. Aqui, Procópio aproxima as tropas francas às características descritas e contestadas dos godos, sobre às quais refletimos anteriormente.

Portanto, assim como o Imperador bizantino, também os francos lançavam mão de uma política de alianças militares para alcançar seus objetivos nas guerras do século VI. Quanto a esta política, os excertos acima reproduzidos nos apresentam uma modificação significativa no tratamento dispensado por Procópio aos francos em seus textos. Neste ponto das narrativas, quando a possibilidade de união com os francos se mostrou infrutífera ou, mais ainda, estes passaram a representar um obstáculo aos propósitos romanos na Península, Procópio alterou o tom de suas descrições, apresentando uma série de críticas que incidiam especificamente sobre a questão da lealdade desta população no que diz respeito aos acordos militares previamente firmados.

Na sequência das *Guerras*, percebendo que a possível aliança com os francos definitivamente não se concretizaria, Procópio passou a critica-los justamente no ponto que outrora serviria como pilar de uma aproximação entre os dois exércitos: o Cristianismo. No livro VI da *Guerra Gótica*, ainda discorrendo sobre a falta de lealdade dos francos, o historiador afirma que, apesar de convertidos ao Cristianismo, estes teriam mantido grande parte de suas antigas práticas religiosas, realizando inclusive sacrifícios humanos:

Esses bárbaros, embora tenham se tornado cristãos, preservaram grande parte de sua antiga religião: eles ainda fazem sacrifícios humanos e outros sacrifícios de natureza profana e é em união com ela que eles fazem suas profecias. (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxv, 10)<sup>11</sup>

Num outro trecho do mesmo volume, Procópio descreve uma passagem na qual tanto os francos quanto os romanos negociavam uma possível aliança com os godos (o

---

<sup>11</sup> “oi( ga/r ba/rbaroi ou(=toi, Xristianoi/ gegono/tej, ta/ polla/ th=j palaia=j do/chj fula/ssousi, quasi/aij te xrw/menoi a)nqrw/pwn kai/ a)/lla ou)k o(/sai i(ereu/ontej, tau/th th ta/j mantei/aj poiou/menoi.”

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

inimigo comum de outrora). Durante o processo de negociação com o rei godo Vitígio, o envidado de Belisário lança dúvidas sobre a possível lealdade dos francos no campo de batalha, a partir de um preceito religioso: “Nós, de nossa parte, teríamos prazer em perguntar aos francos por qual deus eles possivelmente podem jurar quando eles declaram que dariam a você a certeza de sua lealdade” (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VI, xxviii, 18).<sup>12</sup>

A partir dos excertos apresentados e discutidos aqui, uma questão deve ser colocada: qual seria a explicação para o fato de, na mesma narrativa, os francos serem representados, primeiramente como um potencial aliado ao exército dos romanos, cuja aliança seria fundamentada numa suposta identidade religiosa comum, e, num momento seguinte, o mesmo povo ser descrito pelo historiador sob acusações de manter em seu culto práticas estranhas ao Cristianismo? Ou ainda, por que os romanos empenharam-se em formar uma aliança com uma população que, apesar de convertida ao Cristianismo, foi também caracterizada por Procópio como uma “nação falsa”, cujos juramentos não eram confiáveis?

A resposta talvez não seja encontrada no caráter religioso ou militar dos francos em si mesmos, mas nas questões ligadas aos interesses da construção narrativa de Procópio de Cesareia, em diferentes momentos das guerras. Ao se apresentarem como uma possibilidade de fortalecimento do exército imperial na luta pelo domínio político sobre a Itália, os francos são descritos como uma população cristã, que comungava dos mesmos preceitos religiosos dos romanos. O Cristianismo, neste caso, se apresentava como uma característica comum de ambos os exércitos contra o culto herético, praticado pelos inimigos godos. Em outras palavras, os dois exércitos teriam, segundo as narrativas de Procópio, o interesse comum de defesa dos seus princípios religiosos frente a uma prática, por ambos, tida como herética. Somente num segundo momento da narrativa, quando tal aliança definitivamente não se concretiza e, mais do que isso, quando os francos se tornaram um obstáculo às pretensões imperiais na Península Itálica, é que estes são caracterizados como uma nação falsa e seus princípios cristãos são questionados pelo historiador.

Isso nos leva a crer que, assim como no caso dos godos, as descrições dos francos, também descritos como bárbaros em Procópio de Cesareia, estariam subordinadas, em primeiro lugar, aos objetivos políticos e militares de Justiniano. Dessa forma, é a possibilidade de se aliar militarmente a um povo não-romano ou a criação de uma base

---

<sup>12</sup> “w(j h(meij ge h(de/wj a)/n Fra/ggouj e(roi/meqa ti/na tope/ me//lontej o)mei+sqai qeo/n to/ th+j pi/stewj u(mi+n e)xuro/n i)sxuri/zontai dw/sein.”

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

ideológica para o ataque a inimigos que guiariam as descrições do historiador em relação aos povos bárbaros, submetendo suas narrativas aos anseios imperiais de cada período dos combates. O cristianismo, utilizado por Procópio na *Guerra Gótica*, tanto para identificar um aliado em potencial, como para justificar ataques aos inimigos godos, não deve ser interpretado pelo pesquisador somente como um dos pilares do que se pretendia para uma identidade romana no século VI. Mais do que isto, a questão das práticas religiosas romanas e bárbaras representavam um importante argumento para fundamentar ideologicamente a tomada de decisões dos exércitos imperiais no campo de batalhas.

É por isso que consideramos o caso dos francos como emblemático, pois trata-se de uma população reconhecidamente cristianizada, mas que, nem por isso, deixa de ser descrita como bárbara por Procópio. Dessa forma, quando existia a possibilidade de uma aliança militar entre romanos e francos, sempre tendo como objetivo principal o controle político de Constantinopla sobre a Itália, o caráter religioso é ressaltado para fundamentar ideologicamente um possível acordo. Por outro lado, quando os francos se mostram como um obstáculo aos objetivos imperiais na Península, os mesmos preceitos religiosos passam a ser questionados. A partir de então, o aspecto de “barbárie” passa a ganhar maior relevância nos relatos e descrições sobre os francos. Disto resulta que as ações das tropas romanas contra essa mesma população, outrora descrita como potencial aliada, passam a ser descritas também como justificadas ideologicamente, tendo a defesa do Cristianismo como elemento central.

### **Considerações finais**

As passagens da *História das Guerras* aqui destacadas para análise nos permitem perceber a importância que o culto cristão, de tradição conciliar seguido no Oriente, assumia na construção de uma identidade romana no século VI. Mais do que isso, elas nos permitem observar como tais práticas religiosas serviam como um dos principais fundamentos para a tomada de decisões dos exércitos imperiais durante as guerras. Acreditamos que o Cristianismo não poderia ser confundir com um a ideia de “romano” em Procópio, nem que o bárbaro fosse sempre caracterizado como um herege. Ao contrário, o que verificamos no caso das descrições dos francos apresentados na *Guerra Gótica* nos permite relativizar essa relação.

As descrições das práticas religiosas dos francos segue uma proposta que pode ser verificada em toda a narrativa de Procópio nas *Guerras*. Trata-se do comprometimento do historiador com o projeto imperial de Justiniano, de ampliar a área de atuação e controle do

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

poder imperial de Constantinopla sobre as antigas fronteiras romanas, neste caso, na Península Itálica. Sendo assim, pensamos que a utilização do cristianismo como base para justificar as ações militares no Mediterrâneo não se prendia exclusivamente a preceitos religiosos. Mais do que isso, essa parece ter sido uma ferramenta argumentativa muito explorada por Procópio na *Guerra Gótica* para conceder um grau de legitimidade tanto aos ataques executados pelos exércitos de Belisário, quanto às alianças militares formadas no período. Em outras palavras, não é o Cristianismo que serviria como motor da tomada de decisões romanas no período. O objetivo central das preocupações imperiais sempre foi a recuperação do controle político sobre a Itália por parte de Constantinopla. As recorrências ao Cristianismo eram descritas por Procópio como um ponto que alicerçava os argumentos justificadores das ações dos exércitos romanos nas guerras.

Em outras palavras, em primeiro plano, os textos de Procópio de Cesareia não se comprometem a criticar ou destacar as práticas religiosas das populações francas do século VI por conta de uma defesa do culto cristão “justo” ou “correto”, dito ortodoxo. A preocupação primeira do historiador está na apresentação de uma fundamentação ideológica, neste caso específico de natureza religiosa, que poderia conceder um forte grau de legitimidade para os ataques imperiais em terras ocidentais que visavam, em última instância, o reestabelecimento do controle político de Constantinopla sobre os antigos domínios romanos.

## Referências

### Documentos para pesquisa:

PROCOPIUS. **De Bello Gothico (UPER TWN POLEMON). History of The Wars. The Gothic War.** English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

PROCOPIUS. **De Bello Persico (UPER TWN POLEMON). History of The Wars. The Persian War.** English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1996 (1ª edição: 1914).

PROCOPIUS. **De Bello Vandalico (UPER TWN POLEMON). History of The Wars. The Vandalic War.** English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 2006.

### Referências bibliográficas:

BACHRACH, Bernard S. Procopius, Agathias and the Frankish Military. In: **Speculum**. vol. 45. no. 3. Cambridge: Medieval Academy of America, Julho de 1970. pp. 435-441.

BOY, Renato Viana. Os francos na história das guerras: descrições de uma população bárbara por Procópio de Cesareia – Século VI.

BROWN, Peter. **O fim do Mundo Clássico**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

\_\_\_\_\_. The Later Roman Empire. In: **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. pp. 327-343.

\_\_\_\_\_. **The World of Late Antiquity. AD 150-750**. New York & London: W. W. Norton & Company, 1971.

CAMERON, Averil. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996-a.

\_\_\_\_\_. **The Mediterranean World in Late Antiquity**. AD. Londres e Nova York: Routledge, 1996-b.

GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005 (1ª edição: 2002).

GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans**. A.D. 418-584. The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press. 1980.

\_\_\_\_\_. Los Bárbaros en la Antigüedad Tardía y su Instalación en Occidente. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Trad. Carolina del Olmo e César Rendueles. Madri: Ediciones Akal, 2003. pp. 50-79.

JENKINS, Claude. Procopiana. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. pp. 74-81.

OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984 (1ª edição: 1964).

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. In: **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. Emory University, 2000. pp. 149-187.

POHL, Walter. El concepto de etnia en los studios de la Alta Edad Media. In: LITTLE, Lester K., e ROSENWEIN, H. **La Edad Media a debate**. Trad. Carolina del Olmo e César Rendueles. Madri: Ediciones Akal, 2003. pp. 35-49.

THOMPSON, E. A. **Romans and Barbarians**. The Decline of the Western Empire. Londres: University of Wisconsin Press, 1982.